

CASCUDO, Luis da Câmara — *Nomes da Terra*. Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, 1968.

Os estudos toponímicos, no Brasil, não alcançaram, ainda, a plenitude de sua expressão, no conjunto das disciplinas socio-lingüísticas; as obras especializadas, por isso mesmo, devem-se à iniciativa de poucos interessados e, quase sempre, abordam temas regionais.

Nomes da Terra, de Luis da Câmara Cascudo, inclui-se nesse âmbito, restringindo-se à “história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte”

A matéria é apresentada em dois ítems principais.

No primeiro deles, o autor mostra o processo da ocupação humana no Rio Grande, iniciado com as sesmarias e completado, principalmente, através da ação dos posseiros, “egressos, muitas vezes, das bandeiras e entradas”, verdadeiros fundadores dos “primeiros currais, das primeiras casas, roças, cercados, engenhos de açúcar”. À medida que o homem adentrava o sertão, iam surgindo os primeiros nomes, simples em sua tarefa identificadora e testemunhos de uma “História sem possibilidades documentais. Mais “story” que “History”, porque retratos de “uma odisséia, de homens sem títulos legitimadores da estabilidade”

O levantamento toponímico realizado e a vinculação que se procura estabelecer entre o nome e o seu referente estampam um princípio de sistematização científica não explorada em suas últimas conseqüências porque não é este o objetivo da obra. Mesmo assim, pode-se distinguir a natureza e a índole da nomenclatura geográfica, recolhida da hidronímia, da fitonímia, da zoonímia, da antroponímia, da hieronímia. A interpretação semântica de alguns topônimos pode levar a conclusões até certo ponto divergentes, como ocorre com Sobrado e Sobradinho, devidos às “sobras entre as próprias sesmarias ou aquelas que corriam na testada das mesmas” “nada parecendo, portanto, com edifícios, como deduzia mestre J. Capistrano de Abreu num raro cochilo na perspicácia”

O autor se detém, ainda, no estudo lingüístico das camadas onomásticas. As várias tipologias toponímicas indentificam, em relação à influência portuguesa variantes lexicais para os mesmos acidentes geográficos; é o caso, por exemplo, dos nomes de origem orográfica, em que cordilheira e serrania (norma lusitana) cedem lugar aos brasileiros serra, serrinha, serrote: assim como veiga, prado ou vale não são usuais, na área. As mesmas oposições e associações são estabelecidas também ao nível dos topônimos oriundos dos caminhos, estradas, passagens. A contribuição indígena é apresentada em dois planos de ocorrência: aos tupis litorâneos, predominantes, se oporiam topônimos “tapuias”, dentre os quais são mencionados, como distribuidores, os *Cariri*, na zona do sertão. A presença do elemento africano concorreu para a toponímia das áreas agrícolas, havendo, ainda, em percentagem menor, a incidência de nomes de procedência alemã, francesa, holandesa, e britânica.

A marcação cronológica dos primeiros povoados riograndenses e a elevação desses núcleos a municípios são tratadas na segunda parte do livro, colocando-se o autor na mesma perspectiva diacrônica já assumida a fim de atingir a verdade etimológica do nome em questão.

Finalmente, apresenta o vocabulário onomástico do Rio Grande do Norte.

Situando, dessa forma, a panorâmica toponímica de uma região brasileira, o autor vem corroborar, mais uma vez, através de tantos nomes de significados e motivação imprecisos para os pósteros, a universalidade do conceito de Jean Brunhes ao atribuir ao topônimo a condição de verdadeiro fóssil da geografia humana. Através dele, muitas vezes exclusivamente, pode-se alcançar a exata identidade de uma espécie vegetal ou animal, extintas, ou a reconstituição das características antro-po-culturais de uma raça, como um todo ou na individualidade de seus formantes.

MARIA VICENTINA DE PAULA DO AMARAL DICK

* *

*

BOOTH, Wayne C. — *A Rhetoric of Irony*. The University of Chicago Press: Chicago, 1974. 292 p.

A Rhetoric of Irony é a mais recente publicação do autor de *The Rhetoric of Fiction*, obra geralmente tida como indispensável para os estudiosos de Teoria Literária.

Após declarar, no prefácio, que a ironia tem sido tratada dos mais diversos ângulos, Booth se propõe a examinar “a maneira pela qual a ironia funciona ao unir (ou dividir) autores e leitores (1), porque, em sua opinião, esse aspecto “tem sido negligenciado desde a última metade do século XVIII e nunca foi totalmente explorado” (2)

Ainda no prefácio, sua breve avaliação de *The Concept of Irony*, de Kierkegaard, *The Compass of Irony*, de D.C. Muecke (obra que julgamos básica), *Validity in Interpretation*, de E. D. Hirsch, e *The Word “Irony” and Its Context*, de Norman Knox é, sem dúvida, bastante útil pois constitui fonte certa de informações, onde os interessados no assunto podem buscar orientação ao pesquisar os múltiplos aspectos da ironia.

A Rhetoric of Irony divide-se em três partes. A primeira é dedicada à “stable irony”, que poderíamos traduzir por “ironia fixa”. Partindo de uma definição de que ironia é “dizer algo, querendo exprimir o oposto” (3), Booth se propõe explicar a ironia fixa através de sentenças, parágrafos e textos considerados irônicos. Após seguir o trabalho em quatro etapas sugerido por Booth, o leitor acumula as características da ironia fixa, tomando consciência

(1). — p. ix.

(2). — p. ix.

(3). — p. 21.